

ISSO É COISA DE MENINO(A): IDENTIDADES DE GÊNERO EM FORMAÇÃO NOS DISCURSOS DA ADOLESCÊNCIA

Angela Maria ROSSI²⁰
Valeria Iensen BORTOLUZZI²¹

Resumo: Identidades são construtos sociais que sofrem constantes mudanças na modernidade. Sendo assim, evidenciam novos papéis sociais para homens e mulheres. Nesse trabalho, o enfoque é dado a um grupo misto de adolescentes, oriundos de uma escola pública. Objetiva-se evidenciar como estes adolescentes constroem suas identidades de gênero social, por meio de respostas coletadas a partir de um questionário semiestruturado, analisado segundo Hall (2004), Moita Lopes (2003) e Woodward (2005). A partir da análise das falas dos adolescentes, é possível compreender como a visão do outro afeta a construção da identidade de gênero social de um indivíduo.

Palavras-chave: Identidade. Alteridade. Adolescência.

Abstract: *Identities are social constructs which endure constant changes in modernity, and therefore, they show new social roles for men and women. In this paper, the focus is on a mixed group of adolescents, who come from a public school. Our aim is to show how the teenagers construct their gender identities through the answers collected from a semi structured questionnaire analyzed according to Hall (2004), Moita Lopes (2003) and Woodward (2005). From the analysis of the speeches it is possible to understand how the other's view affects the identity construction of an individual social gender.*

Keywords: *Identity. Otherness. Adolescence.*

Introdução

Refletir sobre as identidades sociais tem sido prática comum atualmente, pois as mudanças identitárias sociais evidenciam os novos papéis de mulheres e de homens na sociedade contemporânea, modificando, por exemplo, a estrutura familiar e o espaço do

²⁰ Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria/RS, Brasil; e-mail: angelamega_32@hotmail.com

²¹ Professora Doutora do Curso de Letras do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria/RS, Brasil; e-mail: valbortoluzzi@terra.com.br

homem e da mulher no lar. Hall (2004, p.38) afirma que a identidade permanece “sempre em processo”, em “formação”, pois, com o mundo globalizado, com rupturas de tabus, as identidades estão sendo repensadas nas nossas vidas sociais.

Este trabalho se insere nessa discussão e propõe uma pesquisa qualitativa, de cunho interpretativo, com base em pesquisa de campo e bibliográfica acerca das identidades de gênero social. Tem como objetivo central refletir acerca da construção identitária de gênero social através da alteridade, a partir da fala de adolescentes entre 14 e 16 anos.

Neste estudo, procuramos identificar como as identidades de gênero social são construídas a partir da análise das falas de meninos e meninas. Entender o que meninos e meninas pensam sobre si mesmos e sobre seus opostos e como eles veem a si e aos outros, contribui para que o professor entenda os embates sexistas presentes na sala de aula, podendo, em alguma medida, propor atividades e leituras que promovam o respeito e a compreensão mútuas. Desse modo, esperamos que esta análise possa contribuir, de alguma forma, para revelar e repensar os pressupostos culturais de gênero construídos em nossa sociedade, que são entendidos como senso comum, bem como contribuir para uma reflexão que tem a possibilidade de interferir na transformação da estrutura social.

Em um primeiro momento, neste artigo, abordamos as principais questões teóricas que envolvem as relações entre identidade, alteridade e comportamento masculino/feminino, definindo-se os principais conceitos que norteiam a proposta de análise a partir de Hall (2004), Moita Lopes (2003), Coulthard (1991), Woodward (2005), entre outros. A seguir, apresentamos a metodologia utilizada no estudo. Em um terceiro momento, exemplificamos os dados e discutimos os resultados à luz das teorias relacionadas e, por fim, apresentamos as conclusões finais do trabalho realizado, sugerindo sua extensão para futuras pesquisas.

Identidade e relações de gênero

Com as mudanças identitárias contínuas, é incansável nossa busca por entendermos quem somos e onde nos encontramos. Uma mudança perceptível é o novo papel social que a mulher assumiu, e que obrigou o homem a voltar-se para a busca de

sua identidade social. Como a identidade é um construto social (MOITA LOPES, 2003), identificamos quem somos ou nos reconhecemos através da interação diária. Tanto a mulher quanto o homem são construídos por diferentes traços identitários que se tornam relevantes, dependendo do contexto onde estão inseridos. Para Moita Lopes (2003, p.19), “o uso da linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico, ou seja, todo uso da linguagem envolve alteridade”.

Pesquisas realizadas por diversos pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento (RODRIGUES, 2003; HALL, 2004; WOODWARD, 2005) definem alguns traços que caracterizam o homem e a mulher, redefinindo novas identidades ou reafirmando identidades já pré-definidas.

Um grande influente na formação identitária masculina/feminina que prevalece desde o início dos tempos é a própria sociedade, visto que : “a sociedade, entretanto, estabelece normas, consideradas senso comum, que regulam a atuação dos pais, que, pelo gesto, voz, escolha de brinquedos e roupas, ensinam os filhos a que gênero pertencem”. (BATINDER, 1993 apud RODRIGUES, 2003, p. 71)

O conceito de masculinidade é contraditório, dependendo da sociedade na qual é construído. “O que é masculino só pode ser entendido em relação ao que é feminino em uma sociedade específica” (RODRIGUES, 2003, p.72). Ou seja, a masculinidade é conflitante, uma vez que interdepende da visão feminina. Dessa maneira, a busca do novo perfil da mulher na sociedade afeta a identidade masculina. As características do homem são apreendidas durante a vida, com forte influência da família, da sociedade e da escola. A família apresenta as normas de ser homem, a sociedade e a escola as reafirmam.

Meninos e meninas sofrem cobranças distintas, devem assumir comportamentos que representam o gênero ao qual a sociedade os identifica. Assim, na infância, meninos são incentivados a brincarem de carrinho, enquanto as meninas brincam de bonecas. O estranho seria a situação ao contrário, que provavelmente provocaria comentários depreciativos.

Características do homem hegemônico são aceitas como padrão na sociedade; qualquer conduta que não seja tipicamente masculina é rejeitada. “O menino é, muitas vezes, incentivado a fazer parte do mundo masculinizado, que, frequentemente, envolve agressividade física” (RODRIGUES, 2003, p.72). É a prática de esportes que caracteriza

a identidade masculina e diferencia os meninos das meninas, associada ao fato de que os meninos detêm a força física, portanto, o futebol é coisa de menino e as brincadeiras mais suaves, como boneca, são feitas para as meninas.

“Meninos são construídos como mais inteligentes que as meninas” (RODRIGUES, 2003, p.73), e são considerados mais práticos. Já as meninas, o “sexo frágil”, são reconhecidas como demasiadamente emotivas e pouco racionais. O ponto crucial na formação identitária masculina hegemônica é o trabalho, sendo que é perfil masculino, na sociedade, o homem ganhar dinheiro, a fim de reafirmar seu papel de macho. Essa reafirmação torna-se mais urgente devido à mulher, atualmente, disputar com o homem o mercado de trabalho e dividir o papel de mantenedora do lar.

Para Rodrigues (2003), é interessante pensar na “paternidade” como construto de masculinidade e feminilidade, pois o pai assume formas de tratamento diferenciado com filhos homens e com as filhas mulheres. O pai se preocupa com a virilidade do menino e cobra que o filho conquiste várias mulheres. No polo oposto, as meninas devem assumir uma postura reservada e é considerado errado namorar vários garotos, sendo papel do pai advertir sobre esse fato.

Desta feita, com as novas concepções sociais e com o declínio da identidade masculina, o homem hegemônico tende a sofrer mudanças, surgindo, então, um novo perfil de homem, como cita Rodrigues (2003 p.74): “numa família de classe média, [o homem] ainda não aceita tomar conta da cozinha, limpar o banheiro e organizar a compra do supermercado. Em compensação, ele tem se mostrado mais aberto a ajudar nos cuidados com os filhos e na educação com os mesmos.”

As(os) meninas(os) são, de certo modo, tratados de maneiras distintas nas interações sociais das quais participam. “Assim, por serem tratados de forma diferenciada nas interações sociais do cotidiano, tanto homens quanto mulheres agirão de forma diferente” (COIMBRA, 2003, p.211). Observa-se a importância do contexto familiar na construção de uma identidade hegemônica, apontando para a seguinte visão: “À mulher é designada a função de cuidar da casa, dos filhos, ou seja, atividades relacionadas às tarefas domésticas, enquanto que ao homem cabe a responsabilidade de ter um emprego uma vez que é ele responsável pelo sustento da casa e da família” (MOITA LOPES, 2003, p 146).

Coulthard (1991, p. 25), com base em Labov, afirma que mulheres utilizam mais formas de prestígio no seu vocabulário que os homens e complementa que “a mulher é mais sensível ao significado da pronúncia”. A língua portuguesa distingue-se pelo falante ter a possibilidade de reconhecer os sexos pela escolha do artigo. No entanto, quando existem grupos mistos (mulheres + homens), o masculino fica como padrão. Há linguistas que defendem a escolha do masculino, argumentando que existe uma forma não marcada. Um caso especial, é a palavra homem: essa assume forma não marcada e representa toda raça humana, enquanto a palavra mulher representa apenas “esposa”.

Para Coulthard (1991), a grande maioria das línguas apresenta palavras derogatórias em relação às mulheres promíscuas, enquanto que para homens promíscuos não há quase palavras. Semanticamente, as palavras femininas referem-se à prática do sexo e desrespeitam a mulher, já os semas que se referem aos homens são positivos. Um exemplo: as mulheres que falam muito são fofoqueiras, enquanto os homens batem papo.

Há alguns estereótipos que marcam a diferença entre os sexos, como o fato de a mulher falar mais que o homem. Por surpresa, uma pesquisa americana e inglesa diz o contrário: que em grupos mistos e em determinados eventos sociais, os homens falam mais que as mulheres. Segundo Coulthard (1991), homens geralmente tiram o direito das mulheres falarem. No entanto, as mulheres respeitam mais o direito dos homens.

É relevante ressaltar que homens preferem assuntos que se referem a carro, esporte, política, mulheres, comportando-se de forma mais reservada na manifestação de sua afetividade. Já as mulheres têm estilos diferentes deles, preferindo assuntos relacionados a filhos, casa, roupa, comidas e homens, levando em consideração que expõem muito mais seus sentimentos e suas relações, além de serem mais questionadoras.

Acredita-se, em geral, que as mulheres são mais educadas e que prestam mais atenção nas conversas de seus parceiros. Em interações sociais mistas, os homens tratam as mulheres com formas familiares, enquanto que tratam os homens com formas de tratamento formais, pois acreditam que as mulheres são inferiores. Coulthard (1991) afirma que as crianças são educadas de uma maneira que, ao se tornarem adultas, apresentam essas diferenças peculiares.

As feministas afirmam que, no decorrer da história, a mulher foi a excluída, sendo que esse fator justifica o fato de haver tantas palavras derogativas para qualificar a mulher. Coulthard (1991) afirma que o homem é, então, mais privilegiado. Na sociedade, existem mais espaços abertos para a ala masculina quando se trata de discursos públicos e criação de palavras.

Para Coulthard (1991) a maior diferença entre homens e mulheres envolve poder. Os linguistas acreditam que, se a linguagem mudar, conseqüentemente haverá mudanças no *status* inferior em que a mulher se encontra. A linguagem é a comunicação social entre os indivíduos. Segundo o autor, “quando houver igualdade social, mulheres e homens serão capazes de usar um mesmo estilo interativo” (p.74).

A partir deste levantamento de ideias, foi possível verificar que as imagens da mulher e do homem ainda estão associadas a modelos hegemônicos, mas com urgência de novas identidades, pois a modernidade está mudando tanto o perfil masculino como o feminino.

Metodologia

Este artigo é resultado de uma pesquisa de campo realizada em 2009 com um grupo de alunos da Escola Estadual de Educação Básica Irmão José Otão, Santa Maria, RS, com idade entre 14 e 16 anos. A pesquisadora e um professor-colaborador dividiram o grupo total em dois grupos menores, um composto somente de meninos e outro só de meninas. A pesquisadora organizou um bate-papo com o grupo de meninas, utilizando um questionário semiestruturado, com perguntas abertas sobre as características do que é masculino e do que é feminino.

O questionário serviu para coleta de dados que contemplam os seguintes objetivos específicos: 1) definir o que é identidade e alteridade; 2) identificar, na fala dos adolescentes, a construção da identidade; 3) analisar a construção da identidade na fala espontânea dos adolescentes; 4) discutir a construção da identidade através da fala espontânea dos adolescentes e 5) verificar a identidade construída. O mesmo processo foi realizado pelo professor-colaborador com o grupo de meninos. Depois, os dois grupos e suas impressões foram confrontados em um novo bate-papo. Todas as conversas foram gravadas em áudio e transcritas em relação ao seu conteúdo.

De posse dos dados, as falas foram interpretadas levando-se em consideração as características de masculinidade e feminilidade apresentadas no referencial e sistematizadas em tabela apresentada na próxima seção.

Análise e discussão

Os bate-papos realizados foram analisados dentro do enfoque da construção de identidade sob a ótica da alteridade, observando que a construção identitária é social, “compreendida como construída em práticas discursivas, e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza da pessoa, ou seja, identidade pessoal, nem com sua essência nem com um si-mesmo unitário” (MOITA LOPES, 2003, p.20). Sendo a identidade um construto social, analisamos a identidade de meninos e meninas, levando em consideração as características que os teóricos estudados evidenciam, observados na Tabela 1:

Tabela 1 – Características normalmente atribuídas a homens e mulheres pela sociedade

Meninos/Homens	Meninas/Mulheres
Brincam de carrinho.	Brincam de boneca.
Demonstram agressividade física.	Demonstram cuidado.
Preferem a prática de esportes.	Preferem os encontros sociais.
Desenvolvem força física.	Cultivam a fragilidade, a delicadeza
São considerados mais inteligentes e práticos (diretos);	São consideradas demasiadamente emotivas e sentimentais;
Estão associados com o trabalho fora de casa.	Estão associadas com o cuidado com os filhos.
Estabelecem papéis e comportamentos de meninos e meninas.	Obedecem ao que os homens estabelecem.
Mais preocupação com o sexo.	Menor preocupação com o sexo.
Falam mais que as mulheres em interações mistas.	Falam menos que os homens em interações mistas.
Discutem predominantemente sobre carro, esporte, política e mulheres.	Discutem predominantemente sobre família (que envolve filhos, casa, roupa e comida) e homens.
São mais reservados na expressão das emoções.	São mais abertas e questionadoras na expressão das emoções.

Com base nas características detectadas por pesquisadores como Hall (2004) e Moita Lopes (2003), buscamos reconhecer, nos bate-papos realizados, os traços semelhantes que coincidem com os teóricos bem como reconhecer outros aspectos que formam a identidade de meninos e meninas no presente trabalho.

“Isso é coisa de menino” na visão das meninas

Nesta seção do trabalho, analisamos o bate-papo realizado com as meninas sobre o que é ser menino. Uma das primeiras características da masculinidade, conforme nossos embasamentos teóricos, está nos brinquedos com os quais os meninos brincam. No bate-papo, porém, não há nenhum trecho que mostre especificamente esse item, mas as meninas, em suas falas, mostram que os meninos gostam de brincadeiras mais ligadas “ao modo de ser menino”, como brincadeiras de empurrar, pois não haveria lógica brincarem de carrinho, visto que já estão na adolescência. Essas brincadeiras que os meninos praticam podem ser associadas a uma outra característica que os estudiosos apresentam como sendo dos meninos, que é sua ligação com a força física, como observamos no bate-papo na fala de uma adolescente:

Exemplo 1:

(Menina) – Tipo se a gente tá na festa a gente dança e agora se as pessoas surgem a gente já fica meio quieta, não bagunça, já tem isso sabe. A gente pode pulá, tá pulando assim, daí chega a pessoa assim, tu já fica meio sem jeito né.

Os meninos brincam de se empurra, acham lindo ainda. E empurra a gente também.

(risos)

As meninas reconhecem, na construção da identidade masculina, o fato de os meninos serem mais diretos, outro traço identitário das masculinidades, o que geralmente é interpretado como insensibilidade e má-educação. Elas sentem-se confusas em descrevê-los, mas os descrevem como insensíveis, mal-educados, como se pode ver no Exemplo 2, que mostra o comportamento mal educado dos meninos:

Exemplo 2:

(Mediadora) – O que é ser menino?

(Menina) – Deve ser uma questão muito difícil porque aí é muito complicado, eles são muito assim, eles não têm educação. Aí sabe uma coisa sem explicação.

(Menina) – Ah, mas nem todos.

(Menina) – Tá, mas ali da sala sim, a maioria, eles não pensam antes de falar.

(Menina) – É.

(Menina) – Eles falam o que querem.

(Menina) – É.

As meninas reconhecem-se como possuindo uma natureza mais sensível, diferente dos meninos, como se pode comprovar nas suas próprias falas, quando afirmam almejam um menino que seja respeitador, carinhoso, o oposto do que elas descrevem (Exemplo 3). Então, podemos inferir que elas desejam que os meninos não sejam tão masculinos, que haja uma mudança de comportamento e, conseqüentemente, de construção identitária de gênero.

Exemplo 3:

(Mediadora) – E o que mais as atrai em questão de comportamento dos meninos? O que vocês gostam que eles façam? O que atrai em vocês?

(Risos)

(Menina)– Mais risos

(Menina) – Que seja amoroso, carinhosos, respeitador, hum.

(Menina) – Ah é.

(Menina) – Educado.

As meninas constroem a identidade dos meninos como insensíveis e imaturos, como observado no segmento do bate-papo do Exemplo 4. Elas evidenciam, também,

que sensibilidade e maturidade são características raras nos meninos, mas quando elas se manifestam, as meninas sentem-se atraídas pelo portador das características e tomam iniciativa de reforço delas, o que pode ser percebido quando a menina diz “É poucos que chegam pra falar, conversar sério com a gente, e daí a gente tem que dar em cima.”.

Exemplo 4:

(Menina) – É poucos que chegam pra falar, conversar sério com a gente, e daí a gente tem que dar em cima.

(Menina) – Conversar um assunto. Bah.

(Menina) – Bah tá errado é isso, é isso. Eles não se importam com que tão fazendo se vão magoar a gente ou qualquer coisa assim.

Em um determinado momento da conversa, quando a mediadora pergunta: “Vocês acham que eles não têm iniciativa?”, as meninas trazem à tona a questão de os meninos se preocuparem muito com sexo. Essa preocupação se manifesta, segundo elas, na interpretação maliciosa que os meninos fazem das falas das meninas. E isso é visto por elas como um traço, novamente, de imaturidade e insensibilidade (Exemplo 5).

Exemplo 5:

(Menina) – Eles não querem saber nada com nada, só querem saber de brincar, ser criança.

(Menina) – Ah, tem uns ali na sala.

(Menina) – Ah, tipo tudo que falam já levam pra brincadeira e na infantilidade, tipo tem um que são super legal assim, são bons quando a gente precisa, agora, tem assim que não que nada, tipo a gente fala uma brincadeira, já levam lá pro outro lado.

(Menina) – Como a Raíssa falou sabe, é então é difícil na malícia.

As meninas constroem os meninos como extremamente ligados à sexualidade, mudando o tema da conversa, pois sempre que tentam estabelecer um diálogo mais sério

não conseguem, sendo, muitas vezes, mal interpretadas. Essa afirmação condiz com os estudos dos teóricos, quando apresentam a identidade dos meninos como mais preocupados com o sexo. As identidades sociais dos meninos demonstram que eles são mais ligados ao sexo, e que as meninas se sentem reprimidas, sem saber como agir, pois temem serem mal-interpretadas. O trecho do bate-papo que segue (Exemplo 6) mais uma vez reafirma que os meninos estão ligados à sexualidade:

Exemplo 6:

(Menina) – Se é guri que tem assunto, tu conversa um assunto, mas geralmente só falam besteira.

(Menina) – Tu conversa assim, por exemplo, tu tá conversando uma coisa e eles acham que tu tá falando outra, tipo assim, tu começa falar uma história séria e ele tá achando que tu tá falando outra, malícia, já quer te pegar, te agarrar e bem assim isso daí.

Como observado na revisão da literatura, Coulthard (1991) afirma que em grupos mistos e em determinados eventos sociais, os homens falam mais que as mulheres. Quanto à interação, as mulheres são cooperativas e os homens competitivos. O estudioso acredita que os homens tiram o direito de as mulheres falarem. Essa afirmação é constada no bate-papo quando as meninas afirmam que não se sentem à vontade para conversarem quando estão em grupos mistos. Como observamos no trecho da conversa (Exemplo 7):

Exemplo 7:

(Mediadora) – Vocês se comportam de maneira diferente quando estão em ambientes com a presença de meninos? Por quê?

(Menina) – Por causa que a gente fica com vergonha.

(Risos)

(Muitos risos)

(Menina) – Daí fica meio quieta né.

O fato de as meninas cederem seu espaço aos meninos nos grupos mistos reproduz e reforça a figura masculina como aquela que estabelece as regras e os papéis sociais. Nesse caso, é claro que o homem atribuirá a si mesmo a prerrogativa de falar, de conduzir a interação a sua maneira e em seu benefício.

Para Rodrigues (2003, p.75), a sociedade e a família estabelecem os papéis de comportamentos dos meninos, tanto que aos homens é oportunizado o trabalho fora do lar. O trecho do bate-papo que segue (Exemplo 8) mostra que as meninas assumem um posicionamento sobre o senso comum, já estabelecido pela sociedade, do que é ser homem e do que é ser mulher. Os pais representam para as meninas as figuras da construção do modelo patriarcal, existente em suas casas. Os homens têm mais direitos em relação às meninas pelo simples fato de pertencerem ao sexo masculino. Essa atitude firma ainda mais características de um modelo hegemônico.

Exemplo 8:

(Menina) – Meninos podem sair, tem mais, tipo assim, os pais soltam mais os meninos. A menina não. É sempre em casa, em casa, em casa, do colégio pra casa. Ainda pensam do tempo antigo, aí, é porque é homem, é porque é mulher.

(...)

(Menina) – E o menino também tipo dá pra sair, já que com o menino não acontece nada, já com a menina não. A menina sempre o pai e a mãe tem medo de soltar a filha. Desculpa que eles são meninos e eles podem...

Devido a um sistema patriarcal da sociedade, as meninas sempre são aconselhadas a comportarem-se de uma maneira específica, a não cometerem erros. As meninas afirmam que com os meninos esse tipo de acontecimento não é fato, que os pais não aconselham tanto os meninos, deixando-os mais soltos para tomarem decisões de conduta. Assim, mais uma vez, a sociedade e a família estabelecem “o certo e o

errado” e as meninas sentem-se prejudicadas por essa conduta e constroem os meninos como beneficiados, visto no Exemplo 9:

Exemplo 9:

(Menina) – Eu acho, o pai tem muito medo de me soltar, sabe tipo eu, a filhinha do papai, mas às vezes eu até acho que ele tem razão de.. aí... mas muitas vezes eu quero sair e não posso, sabe, a coisa é assim. Meu irmão também, ele sai e eu fico em casa.

Dutra (2003, p.144) afirma que “o pai tende a ter comportamentos diferentes com o menino e a menina. Segundo a autora, é evidente na educação do menino, a preocupação do pai com sua virilidade e sua independência”, como visto no exemplo acima.

“Isso é coisa de menina” na visão dos meninos

Os meninos sentem muitas dificuldades para descrever o que é ser menina, são muito objetivos em suas respostas. Rodrigues (2003, p.73) afirma que a menina é reconhecida como sexo frágil, sendo, diversas vezes, demasiadamente emotiva e pouco racional. Da mesma maneira, os meninos do bate-papo construíram a identidade feminina, ressaltando que as meninas são dedicadas, sensíveis e mais compreensíveis.

Os meninos são fruto de um modelo hegemônico ao recriminarem comportamentos das meninas. Quando apresentam o fato de as meninas terem mais de um namorado, atribuem a elas nomes pejorativos, tentando ridicularizá-las. Para Coulthard (1991), as línguas apresentam vocabulários de palavras derogatórias em relação às mulheres promíscuas enquanto que para homens promíscuos não há quase palavras, como se observa no Exemplo 10 quando os meninos falam sobre as meninas:

Exemplo 10:

(Menino) – Acho que é quando é muita **assanhada**.

(Menino) – Tipo **corrimão** assim, todo mundo pega

É interessante notar que os meninos, descritos pelas meninas como extremamente preocupados com sexo, reforçam essa característica ao descreverem um determinado tipo de comportamento que eles acreditam não deva fazer parte da identidade feminina. Para eles, os meninos, as meninas não só não devem se preocupar com sexo como devem evitá-lo se quiserem ser atrativas aos olhos masculinos.

Percebe-se que os meninos querem que as meninas apresentem uma identidade associada aos modelos padronizados de comportamento, pois não admitem que a mulher, no decorrer da evolução, esteja mudando e, tampouco, que sua identidade esteja sofrendo alterações decorrentes de sua mudança de comportamento, o que pode ser comprovado nas falas dos meninos no Exemplo 11:

Exemplo 11:

(Mediador) – Qual tipo de comportamento que “queima o filme” de uma menina?

(Menino) – Acho que é quando é muita assanhada.

(Menino) – tipo corrimão, assim todo mundo pega.

(Menino) – É. (risos)

(Menino) – Tipo ser pegadora...

Os meninos constroem as meninas associadas a objetos sexuais, importando-se primeiro com as características físicas das meninas do que o próprio caráter, reafirmando os posicionamentos dos teóricos quando associam os homens mais ligados à sexualidade. Observamos isso na conversa que segue, quando os meninos respondem às questões pensando somente nos atributos físicos das meninas (Exemplo 12):

Exemplo 12:

(Mediador) – Questão três ela é direcionada ao comportamento da menina. Então seguinte eu faço a pergunta para vocês. O que mais atrai nas meninas?

(Menino) – A bunda. (risos)

(Menino) – Eu acho que é o caráter. (risos)

(falam todos juntos)

(Menino) – Ah tem outra coisa... (risos)

(Mediador) – Tá, por exemplo, o que deveria combinar com vocês aí?

(Menino) – Ser alta.

(Menino) – Não viaja...

Os meninos constroem as meninas como mais maduras, responsáveis, em razão de que elas podem ter filhos. Percebem a mulher como responsável por ter de assumir relações com o lar e com filhos, como se essa responsabilidade fosse apenas e exclusivamente da mulher, isentando o homem de qualquer responsabilidade doméstica. O Exemplo 13 vai ao encontro da constatação de Dutra (2003, p.146) de que a sociedade destinou às mulheres as tarefas domésticas e de manutenção do sentido de família:

Exemplo 13:

(Mediador) – Quem é mais maduro, as meninas ou os meninos?

(Menino) – Ah sem dúvida as mulheres.

(Menino) – Sim, mas nem todas. (...)

(Mediador) – Tá, mas o que ela ganham, por exemplo, em questão de amadurecimento? Por que é mais cedo?

(Menino) – Tem umas que fazem filho mais cedo..

(Mediador) – Então, coisas que meninas podem fazer e meninos não?

(Menino) – Podem engravidar, se maquiuar, risos

Coulthard (1991) afirma que homens falam mais que mulheres em interação social. Assim verificamos no bate-papo, que eles desejam chamar a atenção da menina e que não há compatibilidades de ideias, pois os meninos acreditam que as meninas não são abertas a brincadeiras. Consideram-nas mais sérias e introspectivas. Privam-se de falar diante delas, pois as meninas desmerecem suas brincadeiras, conforme mostra o Exemplo 14.

Exemplo 14:

(Menino) – Se tu vai falar uma frescura, assim com o cara, assim, eles levam numa boa assim e elas não já... Elas acham o que a gente fala e faz coisa idiota.

(Falam juntos)

(Risos)

(Menino) – É claro o homem geralmente chega assim.

(Menino) – O homem aceita melhor as brincadeiras.

(Menino) – É isso.

(Menino) – A mulher já não.

(...)

(Mediador) – Tá mas vocês não responderam por que vocês se comportam diferente, para chamar a atenção, seduzir?

(...)

(Menino) – Pra chamar a atenção.

Neste exemplo é possível perceber que os meninos acreditam que “é coisa de menina” ser tão sensível às brincadeiras que eles fazem. Isso reforça as ideias levantadas no referencial teórico de que as meninas são mais abertas para demonstrarem seus sentimentos e são mais questionadoras dos comportamentos, ao contrário dos meninos, que são mais reservados em relação as suas emoções.

Nesta seção, apresentamos a visão que os meninos têm sobre a identidade feminina e vice-versa. Na próxima seção, comentaremos o confronto identitário quando ambos os gêneros estão juntos.

Identidades em confronto

No momento do bate-papo em que aconteceu o confronto de identidades construídas pela alteridade, pudemos perceber que, em alguns pontos, meninas e meninos concordam e, em tantos outros, discordam sobre a construção da masculinidade e da feminilidade.

O primeiro ponto de concordância diz respeito à liberdade de homens e mulheres. Os meninos ironizam as meninas quando a mediadora afirma que elas acreditam que eles têm mais liberdade. Eles julgam que esse é um fato lógico, pois a sociedade é voltada para o homem. No exemplo 15, os meninos se sentem superiores às meninas, querendo mostrar a elas quem tem mais poder na sociedade, reconhecida como patriarcal, por esses adolescentes. Isso pode ser observado no trecho:

Exemplo 15:

(Mediadora) – E que vocês tem mais liberdade?

(Menino) – Sim.

(Menino) – Isso é normal.

(Menino) – Bah isso aí é a lógica.

(Menino) – Desde de antigamente sempre foi assim.

(Menino) – risos

(Menina) – Coisa ridícula.

Apesar de as meninas concordarem com este ponto, elas demonstram o desejo de mudança dessa realidade, expresso na fala da menina que diz “coisa ridícula”, pois vivem em uma sociedade diferente da de “antigamente”.

No confronto de ideias, as meninas concordam quando os meninos as consideram mais responsáveis e maduras, o que causa a ira dos meninos. Eles afirmam que não podem elogiar as meninas, pois eles sentem-se ameaçados por temerem perder o poder que julgam ter. É o que podemos ver no Exemplo 17, principalmente na fala do menino.

Exemplo 16:

(Mediador) – Os meninos falaram bastante da questão, elogiaram as meninas, mas eles acreditam que o amadurecimento das meninas é maior que o deles.

(Menina) – É nos concordamos com isso.

(Menino)- Se acharam agora.

Foi constatado, no Exemplo 17, que os meninos realmente são mais racionais, enquanto que as meninas são mais emotivas e sensíveis, pois afirmam preferirem um menino educado ao invés de bonito. Todos concordam com tais características.

Exemplo 17:

(Mediador) – Tá, por exemplo, o que deveria combinar com vocês aí?

(Menino) – Ser alta.

(Menino) – Não viaja...

(Mediadora) – As meninas disseram que atraem elas, o respeito e a educação.

(Menino) – risos.

(Menino) – Viu ó.. eu disse.

(Menina) – Sim o que adianta ser bonitinho por fora e um bezerro por dentro

Quando o mediador afirma para as meninas que os meninos gostam de mulheres com caráter e que não suportam mulheres “oferecidas”, elas assumem posicionamento de indignação com o fato, defendem que não são todas as mulheres. Em contraponto, os meninos as ironizam, afirmando que não encontram mulheres que não assumam esse

perfil. Podemos entender que os meninos tentam, no decorrer do bate papo misto, ofender as meninas, bem como fazer com que se sintam inferiores, pretendem demonstrar que “ser homem” é superior a “ser mulher”, pela conduta de caráter que os meninos assumem, por não se considerarem “oferecidos”, ao contrário do que pensam sobre as meninas. O Exemplo 18 mostra meninos assumindo uma concepção de senso comum sobre o que significa ser homem e mulher:

Exemplo 18:

(Mediador) – Os guris acharam bastante importante a questão do diálogo e do caráter da menina porque eles falaram que eles não gostam de mulher oferecida.

(Menino) – é verdade

Risos

(Mediadora) – Concordam meninas, tem mulheres oferecidas?

(Menina) – Tem bastante por aí

(Menino) – Riso geral.

(Menino) – Mulher que se acha não tá com nada. (Risos)

(Menina) – Ah sim, pode ter muita mulher que se acha e é assim, mas tem muita mulher, tipo... Que respeita e não faz isso muitas vezes...

(Menino) – Separa... Estamos procurando...

(Menino) – Sim, todas são assim. (Risos)

(Menina) – Mas nem todas

(Menina) – Tem muitas que não fazem

(Menino) – Tá vendo ó... As meninas se protegem.

Nesse exemplo podemos ver a preocupação exagerada dos meninos com a questão sexual, além da concordância do grupo todo de que as meninas devem ser mais “recatadas” e de que a liberação sexual NÃO é coisa de menina. Isso fica marcado na fala da menina que diz “...mas tem muita mulher, tipo... Que respeita e não faz isso muitas vezes...”, demonstrando sua reprovação àquelas meninas que “fazem isso”.

Finalizando o bate-papo, meninos e meninas concordam que no ‘ser homem’ e no ‘ser mulher’ ambos assumem condutas e comportamentos diferenciados, pela própria “natureza dos sexos”. Nem as meninas nem os meninos mudam de opinião sobre isso. As meninas tentam se defender das acusações dos meninos e vice-versa. No Exemplo 19, cada grupo defende seu gênero e reforça uma característica do outro. Nesse caso específico, a característica destacada é a extrema sensibilidade das mulheres, o que faria delas “mal-humoradas” aos olhos masculinos, e a insensibilidade dos “guris”, que são vistos como “grossos” pelas meninas.

Exemplo 19:

(Menina) – Tá, mas cada um tem sua reação.

(Menino) – Cada um tem seu amor.

(Risos e descontrole)

(Meninos) - as mulheres são mal humoradas e não tem.

(Risos – agito)

(Meninas)- E os guris são grossos e não tem.

Embora os trechos exemplificados (Exemplo 1 a Exemplo 19) não permitam generalizações, por refletirem o pensamento de um grupo muito específico de jovens pertencentes a um contexto social também bastante específico, pudemos perceber que as identidades desses jovens ainda se constroem pelos estereótipos sociais de gênero social, pois eles estão de acordo com o que apontamos no levantamento bibliográfico. Meninas são aquilo que uma sociedade, ainda marcada por um pensamento machista, estabelece que ela deve ser. Meninos são aquilo que essa mesma sociedade diz que eles são.

Considerações finais

Como vimos no referencial teórico, as identidades de gênero social são construídas na sociedade. E a nossa pesquisa, acima apresentada, confirma a literatura sobre o assunto, uma vez que mostra as percepções de meninos e meninas sobre seu gênero e o gênero do outro.

Embora os pesquisados sejam adolescentes do século XXI, percebemos que os meninos se encontram em um meio social ainda caracterizado pela presença de um modelo hegemônico de homem, o qual reconhecem como naturalizado. Constroem uma identidade feminina em que as meninas são feitas para o lar e o cuidado com os filhos. Os meninos não reconhecem as mudanças sociais evidenciadas na sociedade e isso fica evidente quando afirmam que a liberdade de que desfrutam é um fato lógico e uma tradição muito antiga, como evidenciado nas falas desses adolescentes. Atribuem às meninas características que as depreciam, assumindo em seus discursos um posicionamento machista, principalmente em relação ao sexo.

As meninas concordam com e assumem a posição hegemônica atribuída a elas, quando consideram que os meninos têm mais confiança dos pais, quando concordam que são mais emotivas, sensíveis, respeitadoras e educadas, quando também criticam as mulheres “oferecidas”, “corrimão”. Ainda assim, quando isso é reforçado pelos meninos, elas reagem, demonstrando o desejo de mudança e de voz.

Percebemos, de uma forma evidente nas meninas, a inquietação sobre o paradigma do que é “ser homem” na sociedade. Observamos que as meninas são mais receptivas e percebem as mudanças sociais que estão ocorrendo, ao afirmarem, por exemplo, que hoje já podem escolher seus namorados, bem como tirar um garoto para dançar. Dessa forma, questionam o padrão de comportamento imposto pela sociedade, diferentemente dos meninos, que não reconhecem as mudanças de comportamento social.

Estudos como este, embora realizados em uma pequena amostra da sociedade, servem para expandir os estudos já existentes e demonstrar como a sociedade distribui papéis sociais a seus membros, atribuindo-lhes identidades reforçadas nas concepções deles próprios. Acreditamos, ainda, que com esse estudo pudemos contribuir para um melhor entendimento das mudanças sociais que a sociedade vem apresentando. Compreender que meninos e meninas pensam sobre si e sobre o outro, e como eles veem a si e aos outros, constitui-se em uma contribuição para que o professor entenda os embates sexistas presentes na sala de aula, podendo, de alguma maneira, propor atividades e leituras que promovam o respeito e a compreensão mútua.

Referências

COIMBRA, A. M. Histórias contadas em sala de aula: A construção da identidade social de gênero da mulher. In: MOITA LOPES, L.P da (Org). **Discursos de identidades**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p. 209-233.

COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. 1. ed. São Paulo: Ática, 1991.

DUTRA, F.S. Letramentos e Identidade: (Re-)construção das identidades sociais de gênero. In: MOITA LOPES, L.P da (Org). **Discursos de identidades**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2003. p. 135-157.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOITA LOPES, L. P. da (Org). **Discursos de identidade**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

RODRIGUES, R. L. de A. A arte de construir um menino ao contar histórias em família. In:

SILVA, T.T da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005. p.7-73.